

## V. Problemas sociais

faces de um tema proscrito: toxicomanias e sociedade

Marcos Baptista

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MINAYO, MCS., and COIMBRA JR, CEA., orgs. *Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 708 p. ISBN 85-7541-061-X. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

### 33. FACES DE UM TEMA PROSCRITO: TOXICOMANIAS E SOCIEDADE

Marcos Baptista

*Nomeio docaminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra nomeio docaminho.*

Carlos Drummond de Andrade

Faço questão de começar o texto chamando a atenção para um fragmento do poema de Drummond em epígrafe. A insistência do autor em repetir durante o poema a pedra e o caminho obriga a considerarmos esta cadeia significativa como um atributo da subjetividade. Diria que só existe a pedra no meio do caminho porque nós estamos no caminho. A pedra do poeta não é uma montanha, tampouco um seixo, a pedra do poeta significa as repetições que vemos nos serem impostas pelo nosso próprio inconsciente ao longo do caminho.

Um homem em cada cinco – o que significa mais de um bilhão de pessoas no planeta – procura na droga algo diferente daquilo que está acostumado a ver e a pensar. O arsenal atual é imenso: às centenas de produtos naturais, acrescentaram-se milhares de substâncias sintéticas produzidas por laboratórios, oficiais ou não oficiais, sem contar as consumidas pelos que chamaremos de ‘intoxicados menores’, que demandam tabaco, café, chás, colas etc.

Estima-se em 180 milhões o número de alcoólicos crônicos (aqueles cujas seqüelas são definitivas); 300 milhões de mascadores de coca, cocaína, pimenta (de variadas espécies), betle (*Chavica bette*),<sup>1</sup> kawa-kawa (*Piper methysticum*)<sup>2</sup> e de cato (*Efedra vulgaris*);<sup>3</sup> 400 milhões de fumadores

<sup>1</sup> Betle - nos antigos textos sânscritos, é citado sob o nome de *guvaka*, descrito por Theo Phrast em 340 a.C. e conhecido dos médicos chineses no terceiro século, que lhe deram o nome de *pin lang*. Atualmente, é consumido regularmente por 250 milhões de pessoas nas Filipinas, na Indochina, na Índia, em Madagascar, em Zanzibar e entre os árabes. Derivado de uma noz, fruto de uma palmeira (*Areca catchu*) que chega a 15 m de altura, cultivada próxima ao mar, e que produz a folha de betle propriamente dita. A droga é preparada de diferentes modos segundo as regiões geográficas e, em geral, é mascarada nas diferentes preparações.

<sup>2</sup> Kawa-kawa - são raízes retiradas de uma piperácea arbustiforme que, em geral, cresce na Oceania e pode atingir 1,80 m e pesar de 1 a 2 kg. Constituída por dois alcalóides descritos por Lewin (1928). É consumida sob a forma de bebida que, pela tradição, é pilada e mascarada por mulheres adolescentes; o resultado desse processo é misturado em água e ingerido pelos homens da região.

<sup>3</sup> Cato (etimologia: fr. *le kât*) - usado, notadamente, pelos árabes e habitantes da África Oriental, o *Catha edulis* é um arbusto cultivado em vales frios entre 900 e 1.500 m de altura. Na China, é considerado uma planta mágica, denominada *ma-huang* (*Efedra vulgaris*). As folhas da planta são mascaradas e seu uso é bastante disseminado no Iêmen, na Somália, na China e em toda África Oriental.

de maconha; e cerca de 300 milhões de fumadores de ópio e dos que se euforizam através de seus derivados. (Brau, 1967)

Esses números traduzem a importância e a proporção da gravidade desse problema.

Por outro lado, dizer que a toxicomania é um vício não ajuda, em um milímetro, a resolver o problema. Enfim, o que se deve postular é: por que um homem em cada cinco é adicto de alguma substância psicoativa? É certo que 80% dos toxicômanos já apresentavam uma neurose ou uma psicopatia severa antes de se drogarem (Brau, 1967), mas a doença mental desses cerca de um bilhão de indivíduos poderia, sem dúvida, encontrar sua origem em um ‘desequilíbrio’ da mesma natureza do “mal-estar na civilização” tão bem descrito por Freud (1998).

A explicação sociológica, que vê na necessidade da droga um sintoma da decadência social, tal qual na tese marxista, parece que não se sustenta, já que o uso de drogas está totalmente difundido em diferentes estruturas sociais, desde as organizações tribais da Nova Guiné até às mais modernas sociedades consumistas. Diante da incomensurável ignorância sobre a maneira como os homens são atraídos ou “sugados” – segundo o traficante Marcinho VP –,<sup>4</sup> para o uso de certas drogas, objetivando ‘abrir’ seus espíritos para uma forma de pensamento não cognitiva e não discursiva, deveríamos nos perguntar se não estamos diante de uma imperiosa inquietude com o desvelamento dos arquétipos e uma sequencial desordem simbólica.

Talvez devamos nos perguntar, diante dessa ‘bebedeira tóxica’, se ela não seria o equivalente às ‘Grandes Obras’ dos filósofos herméticos: a concepção unitária dos alquimistas, resumida no adágio “O um está no todo e o todo está no um” (*Omnia ab uno et in omnia Omnia*), corresponderia a uma percepção difusa da unidade fundamental lúdico-sacro-profano? Cada estado da atividade lúdica corresponderia a um contato com o sagrado, como na teogenia, onde a droga revelaria o permitido e, por assim dizer, um certo pivotar<sup>5</sup> em torno do que chamaríamos de profano. Um jogo de regras e de perigo tal qual verificamos nas inúmeras iniciações esotéricas difundidas pelo planeta; uma espécie de corrida ao tesouro perdido, em cujo percurso qualquer um é passível de perder-se e fazer-se perder; jogo de sociedade, eminentemente associal, contra o qual a sociedade, a justo título, se opõe.

Como disse Huizenga em 1946:

Drogar-se é uma ação livre executada dentro de um ‘como si’ e percebida como situada fora da vida corrente, mas que pode absorver completamente o jogador, sem que ele encontre algum interesse ou obtenha algum proveito; uma ação dentro de outra ação, que se estabelece em um tempo preciso e num espaço determinado, que se desenrola em uma ordem submissa a regras, que permite associações, onde reina uma propensão ao mistério e à fantasia, a fim de permitir ao homem separar-se do seu mundo habitual e do seu mal-estar do dia a dia. (Huizenga, 1946:19)

O que nos leva a concluir que drogar-se é, basicamente, uma ação dentro de uma outra ação.

<sup>4</sup> Programa Fantástico, TV Globo, 27 mar. 2000.

<sup>5</sup> Pivotar tem origem no verbo francês *pivoter* (1611), e significa ‘pôr sobre pivô’. Em mecânica, denomina-se ‘pivotante’ a peça que gira em torno de um ponto fixo (Houaiss, 2001).

## [NÃO] PÓS-MODERNIDADE E CONTEXTO SOCIOCULTURAL

A oposição entre Estado e sociedade civil revela nossa vontade de introduzir, nesta articulação, a posição da droga na cultura atual. Para nosso objetivo, que é nos aproximarmos do lugar do inconsciente e da pulsão nos discursos sustentados em nosso tempo, devemos demonstrar qual é a posição em que ela é mais adequada.

A distinção entre Estado e Sociedade Civil é especialmente útil porque mostra um duplo movimento: de um lado os Estados buscam, cada vez mais, tornarem-se idênticos entre si, almejando a utopia de tornarem-se globais, por outro, a sociedade civil cultua a personalização do cotidiano – uma verdadeira elegia ao individualismo exacerbado. Os Estados lutam por leis, intervenções administrativas, operações de polícia, e mesmo guerras, para resgatar a sua legitimidade e para não serem absorvidos pura e simplesmente na administração da coisa pública no dia a dia. Esta configuração complexa define a situação da cultura, que nunca pareceu tão global. O que, atualmente, chamamos de cultura vai de encontro a um apelo à ordem mundial, que fixa a distribuição do sujeito da ciência dentro dos espaços regidos pelo mercado, indicando aos antigos significantes-mestres onde eles devem encontrar seu lugar. Dentro da perspectiva de uma ordem multiforme, devemos divisar o fim dos anos 80 e dos anos 90 como o momento em que a saúde pública tornou-se, como a felicidade no século XVIII, um profundo problema moral e político. (Laurent, 1996:2)

O Estado, sob a perspectiva liberal, transformou-se em um grande contabilista e deixou de exercer a função de Estado, ou seja, ser um funcionário do universal, da totalidade. É o verdadeiro trabalhador que, muito mais que o mercado, não deve dormir jamais.

O Estado tornou-se a mão visível que duplica a mão invisível do mercado, sem impedi-lo de funcionar. As palavras de ordem são: reduzir as despesas e racionalizar a economia que se destina à saúde. Por exemplo, a aplicação de normas médicas à psiquiatria e à saúde pública mental, atualmente, se encontra sob a perspectiva de reabsorção da psiquiatria pela medicina geral. Não obstante, a psiquiatria resiste, nem que seja pela necessidade de longas hospitalizações, malgrado o custo com pessoal que implica estas hospitalizações. Os critérios de melhora e de produtividade, tão eficazes na cirurgia, têm padecido na tentativa de traduzirem-se em diretrizes precisas no campo da saúde mental. (Laurent, 1996:3)

Atentemos para uma outra incidência do Estado, que chamaríamos de ‘O Estado universitário’. A universidade tende a deixar de ser a preceptora de um saber multiforme e multicolorido para se preocupar com a produção em massa, com a avaliação do número de alunos que por ela passam, com a eficácia dos processos metodológicos, com o índice de trabalhos publicados, induzindo seu corpo docente e discente a produzir o que o mercado demanda. A racionalidade técnica identifica-se com a racionalidade do próprio domínio. Enquanto negócio, seus fins comerciais são realizados por meio da sistemática exploração de bens considerados culturais. A tal exploração, Theodor Adorno (1999) denomina indústria cultural. Essa incidência pode ser observada, no campo das toxicomanias, pela maneira como o aparelho universitário homologa ou não qualificações desejáveis para sustentar as práticas de tratamento assistencial. Veremos despontar novos departamentos universitários, cujos objetivos essenciais são a avaliação subjugada ao arbítrio do Estado e aos seus regulamentos.

Por outro lado, observamos, na sociedade civil, o culto a valores transformados em bens culturais, como a cultura do corpo que impõe uma certa estética nas relações sociais. Platão já definia o corpo como uma prisão, pois que é receptáculo de desejos, paixões e agressividade (Caballero, 1971), enquanto Foucault chama a atenção para o fato de “que o corpo só se torna força útil se é, ao mesmo tempo, corpo produtivo e corpo submisso” (Foucault, 1984:134). A sociedade civil, por sua vez, define o corpo do sujeito com os aparatos que lhes são fornecidos pelo aparelho jurídico, técnico ou erótico.

Não é somente o etnólogo (visto pela ótica da antropologia social inglesa) quem situa o corpo, levando em consideração seu contexto e meio social. A princípio, é por meio da religião que o corpo se organiza dentro do discurso. Nesse aspecto, a história da teologia do batismo é, particularmente, apaixonante, pois ele engendra a submissão do corpo a Deus; Cristo foi corpo para falar da salvação da alma. O corpo é o presente instante quando obedece às leis da natureza e das pulsões que o dominam. Os filósofos do direito também sublinham o caráter ficcional que reveste o corpo, quando ele é apreendido de forma que transcende o corpo físico.

Chamaríamos a atenção para as novas técnicas médicas que começam a incidir sobre o corpo humano, forçando o direito a enunciar alguns princípios. Os notáveis sucessos

da genética e de suas técnicas atuais, por exemplo, estão gerando um novo paradigma, cuja explicação se estende muito além do seu domínio de competência. Perguntaríamos se não estamos diante de um movimento de deriva em que alguns geneticistas, e outros estudiosos das ciências humanas, lutam contra o eminente perigo da eugenia. Este domínio de competência se estende da sociobiologia à ética das ciências naturais, passando pelas explicações genéticas sobre o alcoolismo, a homossexualidade, a esquizofrenia e, até mesmo, sobre o amor. (Laurent, 1996:2)

Dessa perspectiva, verificamos que, na sociedade pós-moderna, o corpo se encontra equipado de várias maneiras com o advento da medicina cosmética. A atuação desta se estende da criação de um novo nariz a uma cirurgia transexual, ou a uma transcendência da sexualidade – a mulher aliada à ciência forma um novo par – e até ao coração clonado para substituir o do doador, quando este falhar. Atualmente, a própria clonagem independe do espermatozóide, pode-se clonar e produzir um embrião a partir de uma estrutura genética XX, isto é, a mulher sozinha poderá reproduzir por ela mesma sem necessitar de nenhuma inseminação.

Contemplamos, igualmente, o nascimento de uma psiquiatria cosmética e, com ela, também aparece o uso de psicotrópicos, não sob o pretexto de lutar contra uma angústia existencial massiva, mas simplesmente para se reparar o que o sujeito considera como uma injustiça da natureza contra ele. Não se pode mais elaborar o luto de um parente falecido sem que alguém receite um antidepressivo para aplacar a dor. A depressão, que pouco interessava à psiquiatria da década de 50, tornou-se o distúrbio mais comum do planeta. Logo, enquanto a neurose seria uma tragédia da culpabilidade, a depressão se estabeleceria como um drama da insuficiência. Os distúrbios psíquicos e mentais não mais correspondem à história inconsciente do

sujeito, ao seu lugar na família e à sua relação com o meio social. A própria psicanálise ainda mantém o binômio alcoolismo-homossexualidade, enquanto nos parece claro que estamos no campo de uma homoerotização. O conceito de dependência, por exemplo, com a histórica dificuldade que nos coloca, nos parece se situar mais no campo da dessexualização do sujeito do que no de uma modificação de sua estrutura química. Em nossa opinião, o binômio consagrado na psicanálise, alcoolismo-homossexualidade, não se sustenta; deveríamos, isto sim, pensar que o que caracteriza a dependência é a dessexualização do sujeito.

Devemos ressaltar que a civilização e a pulsão não se encontram, pura e simplesmente, em oposição. Precisamos pensar que uma parcela da pulsão alimenta a civilização e suas exigências quanto à renúncia, encontrando aí uma forma de satisfação ainda mais secreta. “O problema ético não se situa entre a renúncia ou a satisfação, mas sim em saber qual é o desejo que está na ordem do dia; se é um desejo do qual nos envergonhamos ou se é um desejo responsável por suas conseqüências” (Baptista, 2003).

Enquanto isso, a tecnologia, em sua extensão atual, alterou o predomínio das forças naturais, modificando assim o equilíbrio das relações entre a cultura e a natureza. A tecnologia, interessada nos homens apenas como consumidores ou empregados, reduz a humanidade, no seu conjunto, a condições que representam seus interesses (Bauman, 1997). A indústria cultural traz em seu bojo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante, que outorga sentido a todo o sistema. O homem tornou-se vítima de um novo engodo, ou seja, o progresso da dominação técnica. A cultura globalizada encarna a primazia da imagem, da tendência ao esquecimento, da redução do desejo pela fabricação de novos *gadgets*, enfim, da supressão do mal-estar.

Uma das características da pós-modernidade é a transposição da função paterna para o terreno político e a correlativa transferência da família para o terreno social.

A família tornou-se coisa pública e a paternidade, função social. Mais do que isso, tornou-se função socialmente prescrita para a produção de bens. A luta pela vida deixou de ser um assunto de família, da esfera íntima, e transformou-se em assunto político por excelência. (Cabas, 1999:4)

Além da utopia antifamiliar, o desejo de relações sem repressão dos anos 60 produziu outros resultados: o tédio e a morosidade. Nesse contexto, uma pergunta se impõe: qual o destino do pai na pós-modernidade? Tomemos a noção de pai pela vertente estruturante em toda a sua dimensão simbólica, isto é, como guardião e representante da lei. O pai é aquele que paira, que mesmo na ausência está presente (Bittencourt, 1999). A lógica que transforma a família em coisa pública, e paternidade em função social, tira o objeto do lugar do desejo e o transforma em objeto de consumo (Cabas, 1999). O consumo torna-se, então, desenfreado, em meio a uma produção cada vez maior.

Outro aspecto característico da pós-modernidade é o estado permanente de crise, onde o movimento seria o de retirar da crise o próprio vislumbrar de um futuro fora dela. Se a

modernidade, aparentemente, decretou um certo afastamento de Deus, com a secularização do mundo, a pós-modernidade acrescenta a morte dos ideais e do futuro. O que vale é a promoção do prazer cultuador da auto-imagem, do aqui e agora, na vertente nãilista do nada e do vazio que sustenta, como já frisamos, o evitamento da dor. O ideal comunitário deixa de priorizar as idéias, princípios ou tradições e se converte numa sociedade do espetáculo. O que está em jogo é a *performance* e a imagem, que se mesclam ao estilo e à estetização da existência. Toda essa articulação é posta a serviço do mercado (Baptista, 1998).

Os grupos sociais passam a ser definidos como faixas de mercado. O sistema visa a tudo absorver e transformar em mercadoria, até mesmo as idéias anti-sistema. No mundo contemporâneo, assistimos a uma recriação infundável de novos signos, através dos meios de comunicação, acarretando uma perda de referência do real e, portanto, uma perda da singularidade do sujeito. O controle social se exerce através do circuito informação-estetização-erotização-personalização do cotidiano, produzindo consumidores isolados. Esses consumidores, de preferências insaciáveis, parecem buscar um outro eu indefinível, um mais de gozar, fazendo-os esquecerem que não existe distribuição homogênea. Esse ponto, que escapa ao consumidor, faz dele um sujeito da ilusão.

## [NÃO] DROGAS E TOXICODEPENDENTES

É mister sermos precisos quanto a classificar os sujeitos dependentes de drogas. Olievenstein, num texto inédito de 1984, nos chama a atenção para quatro pontos específicos quanto à dependência de drogas: 1) a droga existe sem o toxicômano; 2) diante da droga, a atitude do homem é variável segundo o espaço, a ideologia, o lugar, o momento sociocultural; 3) em um mesmo momento, a atitude dos indivíduos é variável, segundo a sua vulnerabilidade; 4) toda falta do ser humano remete a outra falta arcaica, e é nessa remessa que se situa a especificidade da toxicomania.

Se a dependência faz o toxicômano, ou antes a sua definição, é a necessidade de repetição e a repetição da necessidade que estão em jogo. A dependência de drogas é um fenômeno ativo, porque é na falta que melhor se exprime o seu desejo. A falta à qual nos referimos é ao mesmo tempo individual, incomunicável e se torna a verdade do mundo. Nessa sucessão repetitiva e de fato organizada, parcialmente voluntária, é que se joga o sofrimento como uma alternativa desejada pela ausência de algo melhor do que o prazer.

Quanto mais intenso for o sofrimento da falta, maior parecerá o prazer da intoxicação e seu poder suavizante. É no instante que se organiza esta substituição que a falta se torna, ela própria, o objeto do desejo, substitutivamente ao objeto droga que não pode mais cumprir seu papel a não ser por comparação. (Olievenstein, 2003:14)

A utilização do produto, logo que o prazer cessa de ser onipresente, tem por objetivo colocar ordem onde havia a incerteza dolorosa. Com a droga, há a certeza da repetição. “Se a

droga é investida pelo toxicômano, é da investidura que se trata, tanto quanto do investimento” (Giraud, 1989:19).

Alguns sujeitos ingressam em estado de dependência, assim como outros na religião, enquanto que outros jamais o fazem, e ainda temos aqueles que estabelecem compromissos mais ou menos corrompidos com seus objetos, *gadgets*, fantasmas e drogas.

Para alguns, trata-se de uma dependência “necessária”, e se não se aceita essa necessidade como uma evidência clínica, não se poderá jamais tratar de tais sujeitos. Lembremos que essa necessidade tem uma inscrição neuroquímica, que é mais bem conhecida depois da descoberta das endorfinas. Essa dinâmica psíquica de transferência de investidura torna o produto o delegado geral do desejo do sujeito, dupla perfeita do período de lua-de-mel ao qual se sucede, de forma também perfeita, a relação do sujeito e de sua falta. Os efeitos dos produtos são insubstituíveis, da mesma forma que é insubstituível o estado de dependência que permite ao sujeito verificar os efeitos insubstituíveis do produto (Olievenstein, 2003). Poderíamos dizer que, de um certo modo, os tratamentos de substituição liberados para os toxicômanos, sob o pretexto da redução de danos, podem transformar o toxicômano de marginal em excluído e de excluído em enfermo médico-legal, fazendo-o viver dentro de uma camisola química.

Freud insiste sobre o fato de que o Ideal do Eu tem um aspecto social. É esse ideal que reúne uma família, uma classe, uma associação. É a partir desse ideal que o Outro intervém como modelo ou adversário. Temos que manter, eticamente, a consciência de que em cada indivíduo existe uma parte, mais ou menos importante, de margem e de exclusão. Podemos dizer que os tratamentos de substituição, oferecidos aos toxicômanos nas sociedades mais desenvolvidas do planeta, se ocupam em modificar o comportamento, mas não em reconstruir o sujeito. A substituição não é resposta às questões colocadas pelo sujeito.

Os toxicômanos parecem ser o efeito de uma dialética que se organiza a partir de sua relação com a linguagem, apesar de este efeito estar reduzido pela adoção da solução-droga.

A droga não é uma experiência de linguagem, senão pelo contrário, é o que permite um curto-circuito sem mediação, uma modificação dos estados de consciência, da percepção de novas sensações, pela perturbação das significações vividas pelo corpo no mundo através de um real que resiste e insiste. Em consequência, a experiência toxicomaníaca justifica o termo gozar, justifica o termo “gozar mais além do princípio do prazer, o que parece não estar ligado a uma moderação da satisfação, mas, ao contrário, a um excesso, a uma exacerbação da satisfação” (Miller, 1991:34).

A droga, para o sujeito, se transforma em um parceiro essencial, a ponto de nos interrogarmos se o sintoma patognomônico da dependência – com todas as variáveis que o termo indica – não seria a dessexualização. Não devemos fazer da droga objeto causa do desejo, no máximo poderíamos fazer dela objeto causa de gozo. “É uma maneira de gozar que se inscreve



na rubrica do auto-erotismo. Digamos que é um gozo cínico,<sup>6</sup> uma distinta maneira de gozar que não passa pela significação do corpo do Outro” (Miller, 1991:41).

Do ponto de vista psicanalítico, a maneira de gozar do toxicômano está aderida a um produto. Esse produto permite uma identificação brutal com um contingente. O que responde muito bem à sociedade moderna que se preocupa em manter o sujeito separado do Outro. Na droga não há uma formação de compromisso, senão uma formação de ruptura. Em consequência dessa ruptura existiria uma ruptura da identificação com a lei. Nos toxicômanos parece existir um acidente na transmissão da lei, o que faz com que o toxicômano pareça ter um objeto acidental a encontrar no real.

Se pensarmos, por exemplo, que a sociedade atual, sob a égide de uma política de redução de danos – temos a obrigação de ressaltar que essa política tem sido um marco conceitual para as políticas repressivas, conservadoras e coercitivas –, propõe uma política de substituição de drogas, poderíamos nos perguntar se não estaríamos mantendo os toxicômanos fiéis ao consumo. Fiéis ao controle social que se exerce, através do circuito informação-estetização-erotização-personalização do cotidiano.

A prótese química que se propõe aos toxicômanos com a política de substituição revela um outro gênero de articulação com a lei. O fato de mantê-lo, via Estado, sob o efeito da droga substitutiva contínua fazendo com que o toxicômano se cale, mantém a ruptura social na qual ele se insere e, portanto, revela-se uma política que mantém a exclusão. O toxicômano não inventa a sua toxicomania, ele a sofre, ele a descobre. Mantê-lo como um *affaire* de Estado, tal qual a virtude e a felicidade, é mantê-lo num verdadeiro tráfico ‘autorizado’ pela lei. (Baptista, 1998:7)

Por outro lado, o resultado dessa ciência tecnológica produz inquietações, uma vez que o número de loucos multiplica-se e eles tornam-se cada vez mais perigosos, enquanto os ditos normais revelam-se cada vez mais frágeis. Poderíamos dizer que,

por falta de fabricar-se um imaginário positivo, a alienação domina a relação entre os homens e, nesta seqüência, verifica-se um paradoxo ainda maior, visível ao divisarmos a gênese, cada vez mais freqüente, de novas instituições empenhadas na tentativa de recuperar os excluídos, mas que têm, elas próprias, a necessidade de perpetuar a exclusão para sobreviver. (Olievstein, 1997b:19)

<sup>6</sup> Cinismo foi uma escola filosófica fundada por Antístenes que dizia que o prazer não era necessário e exortava seus seguidores a não mover um só dedo na sua busca. O termo ‘cinismo’ pode derivar do subúrbio de Cinsargo, onde ensinava Antístenes, ou do termo *Kynos*, que significa cachorro, ápodo, pelo qual foi batizado Diógenes, por sua maneira de viver, sem pudores e escandalosamente – apelido que ele considerava honorífico. Os cínicos eram a favor do desprezo do prazer, pregavam uma vida solitária e um ataque frontal aos valores e às regras. Professavam que nada poderíamos dizer de válido sobre coisa alguma, a não ser sobre o que concerne ao nome próprio. Diógenes negou terminantemente a existência de Deus, a idéia de pátria e, considerando-se cosmopolita, negava todo valor à lei, defendia a poligamia e o canibalismo. Diógenes declarava que ele havia dominado suas próprias bestas: o termo, o desejo, e a que considerava mais cruel e enganosa, o prazer. Comenta-se que Diógenes, em plena luz do dia, saía pelas ruas gritando “busco um homem verdadeiro”. Cabe a pergunta, que se encaixa muito bem no toxicômano: o que seria um homem verdadeiro? Seria aquele que está sujeito à castração, à lei? O estilo de vida cínico, levado ao extremo, pode ter determinado a morte de Diógenes pelo suicídio. O cinismo, como escola filosófica, inspirou toda uma corrente de filósofos que tiveram o mesmo fim (Salamone, 1991).

Uma das observações freqüentes, que se revela nas clínicas das toxicomanias, é sobre as famílias dos toxicômanos. Verificamos dois grandes grupos de famílias: um revela-se como famílias autárquicas, em que o que se deseja e o que se pede ao terapeuta são internações prolongadas, fechadas, marcadas por um número importante de atividades espartanas. A expectativa das famílias é de que as instituições se responsabilizem por manter o sujeito afastado por um longo período. A seqüência tradicionalmente proposta é: fazendas de recuperação, onde eles se instalem por um período de seis a 12 meses; depois estrutura de pós-cura, em que eles possam passar os dias confinados até que alguma forma de profissionalização se estabeleça. Uma das frases típicas dos pais dessas famílias é: “Doutor, diga o que temos que fazer, que colocaremos alguém no pé dele e ele não vai nem respirar”. O outro grupo de família revela o que chamaríamos de famílias “que não estão nem aí”. Os filhos são colocados sob a égide do “doutor”; indivíduos que antes e por anos a fio podiam chegar em casa às quatro, cinco da manhã e, por vezes, passar dias longe de casa, devem agora chegar em casa às 20 horas em ponto, caso contrário estariam tomando drogas. Uma das frases típicas das mães é: “Doutor, eu me envergonho de dizer, mas quando esse menino está sem drogas parece uma moça” (poderíamos supor que a mãe não conhece a identidade sexual do filho). O mais relevante é que qualquer recaída, ou erro de percurso, é atribuída ao “doutor”. Caracterizam ambas as famílias: terem poucos laços sociais, pouca ou quase nenhuma disponibilidade para modificações no sistema e, por último, serem capazes de pequenas transgressões sociais (Baptista, 1993).

Diríamos que o sistema familiar do toxicômano revela uma inversão na sua estrutura: os filhos tomam o lugar dos pais e os pais assumem a posição dos filhos, como bem demonstram os ensaios dos terapeutas de família que trabalham com a linha sistêmica. A co-dependência que faz parte da estrutura que se conceitua como dependência de drogas é um ‘porre’ a seco, em que o familiar reproduz um não-dito do passado. Não é raro vermos famílias cuja mulher é filha de um alcoolista, casa-se com um alcoólico e reproduz, ao não elaborar sua própria história por meio de significantes-mestres que lhe são inconscientes e sobre os quais ela nada quer saber, um filho alcoólico que, por sua vez, será responsável pela reprodução do sistema. A genética vem tentando encontrar, em explicações químicas, quicá neuroquímicas, em marcadores da estrutura cromossômica, uma explicação para a incidência familiar do alcoolismo. Entretanto, se considerarmos que a droga funciona como uma maneira de fazer calar o sujeito, a bioquímica poderá explicar o fenômeno da dependência, que é inegável e específico e que, no seu limite, pode ser reconduzido a um processo psico-químico, mas não pode fornecer explicações quanto ao seu conteúdo, como tampouco pode explicar o conteúdo do estado de dependência. Verificamos em um grande número de dependentes de drogas que o que se poderia chamar autismo ligado à intoxicação não é o calar, mas sim o falar.

Como já nos alertou Claude Olievenstein (1997a:31),

A ilusão conferida pela droga é a tentativa moderna de se trocar uma parte da segurança por uma parte da liberdade. Entretanto, ao longo das últimas décadas, percebe-se que uma grande parcela dos homens trocaria, de bom grado, uma parte da felicidade por alguma porção de segurança.

Não esqueçamos, entretanto, que o toxicômano, como o principal ator da problemática aqui analisada, é um sujeito fiel, fiel ao seu produto, tal qual o mercado exige.

Na realidade, o que fizemos aqui foi uma série de perguntas às quais poderíamos retornar. Mas, se a condição prévia para a cura da dependência de drogas é o desmame das substâncias tóxicas, não poderá existir cura sem uma clara mudança objetual – do objeto suposto-saber-fazer-gozar para o objeto causa de desejo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. Conceito de Iluminismo. In: ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999 [1947].
- BAPTISTA, M. A droga vela o objeto? In: INEM, C. & ACSELRAD, G. (Orgs.) *Drogas: uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- BAPTISTA, M. La substitution: serait-elle un trafic? XIII Journée de Reims, Reims, 1998.
- BAPTISTA, M. Drogas, Estado e sociedade. Conferência de abertura do III Seminário Internacional sobre as Toxicomanias. In: BAPTISTA, M.; CRUZ, M. S. & MATIAS, R. (Orgs.) *Drogas e Pós-Modernidade: prazer, sofrimento e tabu*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.
- BAUMAN, Z. *Pos-modernity and its Discontents*. Cambridge: England, 1997.
- BITTENCOURT, L. Aonde vai o pai? *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 jun. 1999. Pensar.
- BRAU, J. L. *Histoire de la Drogue*. Paris: Tchou, 1967.
- CABALLERO, A. *A Filosofia através dos Textos*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- CABAS, A. Paradoxos da civilização e o desgarramento da cultura. Curitiba, 1999. (Mimeo.)
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FREUD, Z. *El Mal Estar en la Cultura*. Vol. 21. Buenos Aires: Amorrortur, 1998.
- GIRAUD, B. A falta. In: OLIEVENSTEIN, C. *A Clínica da Toxicomania*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUIZENGA, R. Le ludique et le sacré. In: HUIZENGA, R. *Confluences*. Paris: Galimard, 1946.
- LAURENT, E. Psicanálise, Estado e sociedade. Conferência na I Assembléia Geral da Associação Mundial de Psicanálise. Paris: AMP, 1996.
- LEWIN, L. *Les Paradis Artificiels*. Paris: Payot, 1928. Apud DENIKER, P. & LÔO, H. Les médicaments psychotropes. *Les Psychotropes*. Vol. 1. Paris: ETSIF, 1979.
- MILLER, J. A. Para una investigación sobre el goce autoerotico. In: MILLER, J. A. *Sujeto, Goce y Modernidad*. Tomo 1. Buenos Aires: Actuel-Ty-A, 1991.
- OLIEVENSTEIN, C. O nascimento das instituições. In: INEM, C. & BAPTISTA, M. (Orgs.) *Toxicomanias: uma abordagem clínica*. Rio de Janeiro: Nepad/Uerj: Sette Letras, 1997a.
- OLIEVENSTEIN, C. Toxicomania, exclusão e marginalidade. In: INEM, C. & BAPTISTA, M. (Orgs.) *Toxicomanias: uma abordagem clínica multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Nepad/Uerj: Sette Letras, 1997b.
- OLIEVENSTEIN, C. Uma interrogação sobre a dependência. In: BAPTISTA, M.; CRUZ, M. S. & MATIAS, R. (Orgs.) *Drogas e Pós-Modernidade: prazer, sofrimento e tabu*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.
- SALAMONE, L. El toxicomano y el goce cinico. In: SALAMONE, L. *Sujeto, Goce y Modernidad*. Tomo 1. Buenos Aires: Actuel-Ty-A, 1991.